

PAISAGEM INTERIOR

Marcos Vinícius Almeida

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

REVISÃO: Milena Pereira Silva

PREPARAÇÃO: Luís Roberto Amabile

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447p ALMEIDA, Marcos Vinícius. 1982–
Paisagem interior/Marcos Vinícius Almeida – Penalux:
Guaratinguetá, 2017.
110 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-000-0
1. Contos I. Título

CDD B869.3

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Andarilho

UM GOSTO DE SAL NA BOCA. Os joelhos queimam por dentro e estralam e depois queimam ainda mais. Então ele para a bicicleta e começa a empurrar.

Os outros meninos já no topo do morro.

Tanto faz.

Quase os alcança, eles já saíram outra vez.

João tira o cantil d'água e bebe um gole. Estuda a serrania à frente e o corredor de árvores seguindo o traçado do rio. O sol um grande aro esbranquiçado chapado no fundo azul. Os outros meninos um rastro de poeira. Sobe na bicicleta e pedala morro abaixo.

Duas lascas amarelas de um galão de plástico, unidas ao garfo dianteiro da bicicleta (câmbio dezoito marchas adaptado, aro vinte e seis), batem contra as raias transcrevendo o som de um ventilador defeituoso. Mas pode ser uma turbina. No mundo de um menino um barulho é também qualquer coisa.

A nuvem de pó e os gritos e os pneus girando sobre o cascalho. Quase vai ao chão sob a lambada de baques e solavancos de buracos e pedras e toras que brotam de repente do solo. Correntes lubrificadas com óleo de cozinha logo embucham e depois estralam como mordidas de metal contra metal. A testa encardida nesse pó cor de sangue. Limpa o suor nas costas da mão.

A estrada corta a serra ao meio e desde baixo se lança num golpe rumo ao sul onde os olhos não alcançam. Entupida de pedras e valas de enxurradas e serpenteando o caminho de uma ponta a outra. A copa de uma velha paineira sai de um bambuzeiro donde nasce uma bica d'água e despeja suas sombras cinzentas sobre a grama.

Seria bom descansar um pouco.

As bicicletas derrapam no cascalho. Uma depois da outra. Arrastadas até a sombra. Jogadas na grama. Os meninos correm e enchem as garrafas d'água e arrancam as camisas e batem contra o corpo e passam no rosto tentando se livrar da poeira.

João chega por último. Pega sua garrafa e entra na fila e ignora as piadas. Na medida do possível. Não dá pra fazer nada a respeito e no fim das contas foda-se.

Molha o rosto. Foda-se. Uma porcaria de bicicleta. Refaz contas de cabeça. Moedas e notas miúdas. Bobagem. Graxa nos eixos, um jogo de esferas. O sol. E o vapor da terra distorce os morros próximos do rio. O calor sempre engana.

Enche sua garrafa até a borda e bebe dois goles afoitos e enche outra vez. Maldita corrente. Tem que ser muito burro pra usar óleo de cozinha. Um bolo de paina nas mãos e começa a limpar. Nada ajuda.

João ganhou a bicicleta de seu pai, mas não foi um presente. Seu pai, Antônio, havia emprestado dinheiro ao irmão, Odair, que planejava pintar a casa. Queria agradar a mulher, que ia receber uns parentes mais ou menos ricos que moravam em Itanhandu. Pago semana que vem, tenho dinheiro certo pra receber. Não tem erro, disse o tio. Isso foi em maio. Dezembro chegou mais rápido que o costume e arrastando chuvas que derrubaram árvores e destelharam barracos. Manchas de mofo que lembravam o traçado de mapas já haviam tomado conta das paredes da casa de Odair. A dívida permanecia intocável. Nesse meio tempo, Odair perdeu o emprego, largou da mulher e bebia sem parar. Quando não estava internado em um litro de pinga, empurrava um carrinho de alface nas ruas, assoviando alguma moda caipira. Zanzava para baixo e para cima segurando um frango estropiado pelas canelas. Sacos cheios de espigas raquíticas ou abóboras mirradas, miúdas feito laranjas. Homem insistente, apesar de tudo. Ia de porta em porta e oferecia o produto fiado, pela metade do preço. Não havia problema em perder a venda desde que ganhasse o freguês. Mas com aquele bafo de cachaça e os dentes pretejados e a barba encardida engolindo o rosto era difícil. Era comum encontrar aquelas abóboras miúdas no cocho dos porcos, ou até no lixo. O que ganhava mal dava para sobreviver. Fumo de rolo, cabeças de palha, cachaça. Meio quilo de toucinho de barriga, assando na brasa de um fogão improvisado num sábado. E o coração derramado da cunhada, D. Zizi, que levava marmitas e quitandas sem que Antônio soubesse.

Naquela tarde de dezembro, antes de entrar na casa, Antônio não esperava encontrar nada de valor: uma TV de tubo de quatorze polegadas sem antena, um rádio-relógio digital com fios desencapados, meia dúzia de frangos de granja criados livres e uma barra forte azul com os pneus murchos criando ferrugem. Juntando tudo, não dá a metade do que me deve. Era caso de esquecer. Contrariedade à toa. Seu avô não cansava de repetir que parente é só prejuízo.

Não sou fintador não. Só não tenho jeito. Mas vai melhorar. Deus é pai e não é padrasto.

Ninguém dá prazo dessa largura. Fosse o Zé Branca já tinha lhe tacado fogo na casa com tudo dentro. Jogado a barrigada no chão. Eu que sou panguá. Não sei onde tava com a cabeça. Panguá tem que tomar no rabo mesmo.

Leva uns frangos.

E pena é dinheiro?

É o que eu tenho. O seu Tatão vereador tá pegando gente pro café. Falei com ele ontem no Bar do Suedi. Disse pra ir lá na segunda. Sete reais por dia.

Antônio não respondeu. O que viesse era lucro. Foi nessa hora que reparou na bicicleta. Talvez tivesse serventia para o menino.

João empurrou a bicicleta no rumo de casa. Correntes duras e o assovio seco dos eixos. Mas o menino não podia esconder o sorriso no rosto. O pai levou dois frangos debaixo do braço. Tão secos que matou e sapecou os dois de uma vez. Uma hora na panela de pressão. A carne tinha gosto de serragem.

João lavou a bicicleta. Lixou as correntes, passou bombril nos aros e em cada uma das setenta e duas raias. Depois empurrou a bicicleta até a oficina do tio do gordinho e deu um pingo de solda em um dos pedais. Ainda precisava trocar os pneus, mas não tinha dinheiro. A mãe disse que estava apertada. E nem falou com o pai. Ganhar a bicicleta já era muito.

Aquele tinha sido o Natal Dezoito Marchas. Todo mundo tinha uma mountain bike aro vinte e seis para exibir. É o tipo de coisa que não dá para evitar. Fileiras de mountain bike paradas do lado de fora da escola, da igreja, e os pedreiros e as mountain bikes na sombra de um andaime. Dezenas enfileiradas no muro do campo de futebol, na quadra de vôlei e nos passeios dos bares ao redor da praça. E numa cidade tão cheia de morros, até o velho azedo do padre pedalava nas ruas de bloquete. A catraca estralando. Reduzindo marchas. Encharcava a batina medieval de suor.

João comprou um par de pneus fiado. Seu Levi disse que podia pagar de duas vezes, desde que pagasse em dia. João separou uma caixa de sapato e passou a jogar moedas grandes e notas miúdas lá dentro. Aos sábados, ia carregar caminhões de tijolo na olaria, por dez contos, e também limpar lotes, por vinte. Pagou os pneus no final do mês, numa parcela só.

Nem parecia a mesma bicicleta. Deixou o banco assentado ao mínimo e o guidão fincado no garfo. Ainda assim precisava equilibrar-se na ponta dos pés ao parar. Mas tudo bem. Uma barra forte não é bem uma mountain bike, mas impõe certo respeito. Era como dirigir uma Opala 78 num bando sem graça de Palios um ponto zero prateados.

Joga a paina suja de óleo no chão. Descobre ao longe na estrada no alto do morro um homem. Caminhando na direção deles. Sem pressa debaixo dum sol das duas num céu sem nuvens. João olha os outros meninos que olham de volta e olham uns para os outros. Em silêncio.

Um bando de meninos calados e sem camisa debaixo de uma árvore no meio do nada. João é o primeiro a se levantar quando o homem se aproxima. Já dá para ouvir o barulho dos passos no cascalho. Um boné amarelo com números apagados de alguma eleição imemorial. Semblante amistoso. Tênis de cano alto com a língua tombando para fora e a calça sem cor. Barba calcinada e coberta de pó. O homem é todo ele desbotado. Só os olhos azuis lembram as chamas de um fogão a gás.

Boa tarde, o homem diz.

Os meninos respondem de forma descompassada, cada um num ritmo muito próprio, no próprio ritmo ao lidar com a situação.

Alguém tem uma garrafa pra me emprestar? A minha furou.

Ninguém ia abrir mão do cantil. Não mesmo. Mas então o gordinho enfia a mão na mochila e tira uma garrafa pet de coca pela metade.

Não vai fazer falta?

De jeito nenhum.

Tá certo, então.

O homem tira a lona das costas e solta na grama. Assovia. No ar um gosto de fezes e urina misturado ao suor. Ele bebe

o resto de coca e depois arrota. Não parece cansado. Se agacha próximo da bica e esfrega as mãos. Arranca o boné e joga um pouco d'água na cara e no cabelo e depois outra vez na cara e coloca o litro para encher.

É água boa, diz. Olha a quantidade de girino aqui. Se rã assenta o ovo aqui é porque é vivo. Não tem veneno, não tem perigo nenhum. Se fosse ruim, não tinha nada.

O senhor é andarilho?, João diz.

Meu nome é Elias.

Pega o litro e bebe quase a metade e limpa a boca com as costas da mão e coloca o litro outra vez para encher.

Tem mais água do que terra no mundo. A gente acha que é terra porque o olho engana. Mas a verdade é o seguinte: tudo é água. Você corta o dedo, o que sai?

Sangue, alguém diz.

Mas o sangue é água, só a cor que muda. Se você for no meio daquele pasto e pegar uma enxada e furar um buraco e for cavoucando, a terra seca, puro pó, desvira. Molhada e cada vez mais molhada. Água. Se cortar a laranja no meio é pura água por dentro. Até dentro da mulher quando a gente coloca o dedo é água. E quando a gente goza e gera um filho é na água que ele cresce. E quando vai nascer, a água escorre nas pernas da mulher. Já viu um defunto?

Só na televisão, João diz.

E como ele é?

Ah, olho afundado. Branco.

É seco.

Sobre o autor

MARCOS VINÍCIUS ALMEIDA nasceu em Taboão da Serra, em 1982, mas viveu desde sempre em Luminárias, interior de Minas Gerais. Radicado em São Paulo desde 2012, é graduado em jornalismo, pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, e mestrando em Literatura e Crítica Literária, na PUCSP, com bolsa FAPESP. Publicou textos de ficção em revistas e jornais, como a revista *Cult*, *Suplemento Literário de Minas Gerais* e publicações digitais, como *Parênteses*, *Gemina*, *Raimundo* e *Grafia*. Frequentou a Oficina de Criação Literária da PUCRS, ministrada pelo professor e escritor Assis Brasil, em 2010. Foi laureado no Prêmio UFES de Literatura por duas vezes, nas edições de 2010 e 2015.